

ELSINORE

Espaço  
para  
Sonhar



david lynch e kristine mckenna

# ÍNDICE

*Introdução*, 13

–

Pastoral Americana, 19

A Vida Artística, 55

Os Sacos Sorridentes da Morte, 87

Spike, 123

O Jovem Americano, 179

Fascinado, 219

Uma Espécie de Romance Suburbano, 255

Embrulhada em Plástico, 301

Encontrar o Amor no Inferno, 351

As Pessoas Sobem na Vida e depois Caem, 375

Vizinho da Escuridão, 409

Uma Máquina de Relâmpagos Brancos

e Uma Rapariga, 443

Uma Fatia de Qualquer Coisa, 481

O Mais Feliz dos Finais Felizes, 499

Em Estúdio, 537

O Meu Pedaco de Madeira Está a Transformar-se  
em Ouro, 575

–

*Agradecimentos*, 619

*Filmografia*, 621

*Cronologia de Exposições*, 641

*Fontes, 647*

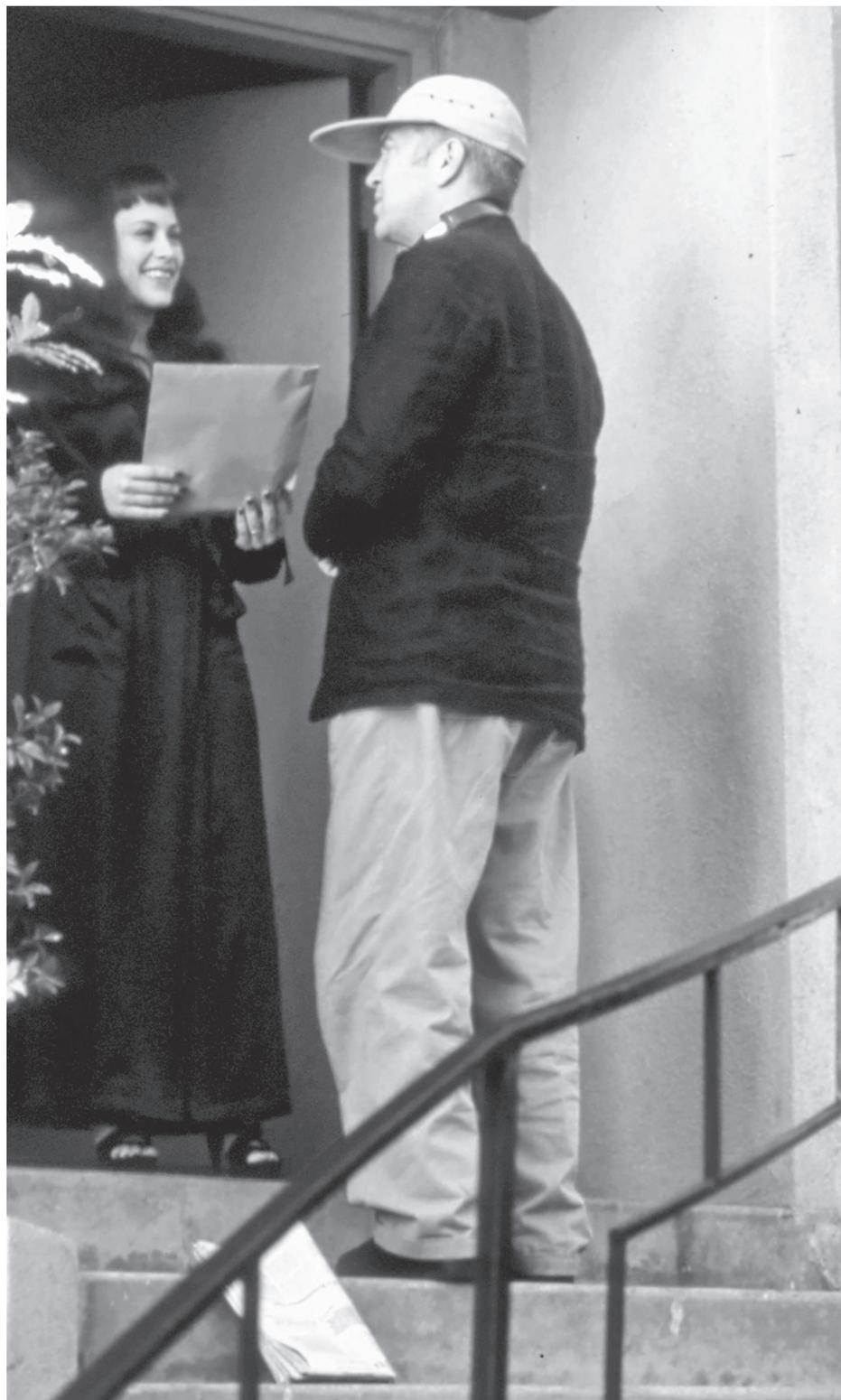
*Notas, 649*

*Legendas e Créditos, 659*

*Índice Remissivo, 667*

—

Dedicado a Sua Santidade Maharishi Mahesh Yogi  
e à família mundial



## INTRODUÇÃO

Quando, há alguns anos, decidimos escrever *Espaço para Sonhar*, queríamos alcançar dois objetivos. O primeiro era ficar o mais perto possível de produzir uma biografia definitiva; isso significa que todos os factos, números e datas estão corretos, e que todos os participantes relevantes estão presentes e são referidos. O segundo era que a voz do sujeito da biografia tivesse um papel proeminente na narrativa.

Já perto do final, encontrámos uma forma de trabalhar que, para alguns, pode parecer estranha; a nossa esperança, no entanto, é a de que o leitor seja capaz de discernir um certo ritmo na narrativa. Primeiro, um de nós (a Kristine) escrevia um capítulo, usando as habituais ferramentas da biografia, o que inclui pesquisa e entrevistas com mais de cem pessoas, desde membros da família, a amigos, ex-mulheres, colaboradores, atores e produtores. Depois, o outro (o David) revia o que tinha sido escrito, corrigia os erros e imprecisões, e produzia o seu próprio capítulo como resposta, usando as memórias dos outros para desenterrar as suas. O que aqui se lê é, basicamente, uma pessoa a ter uma conversa com a sua própria biografia.

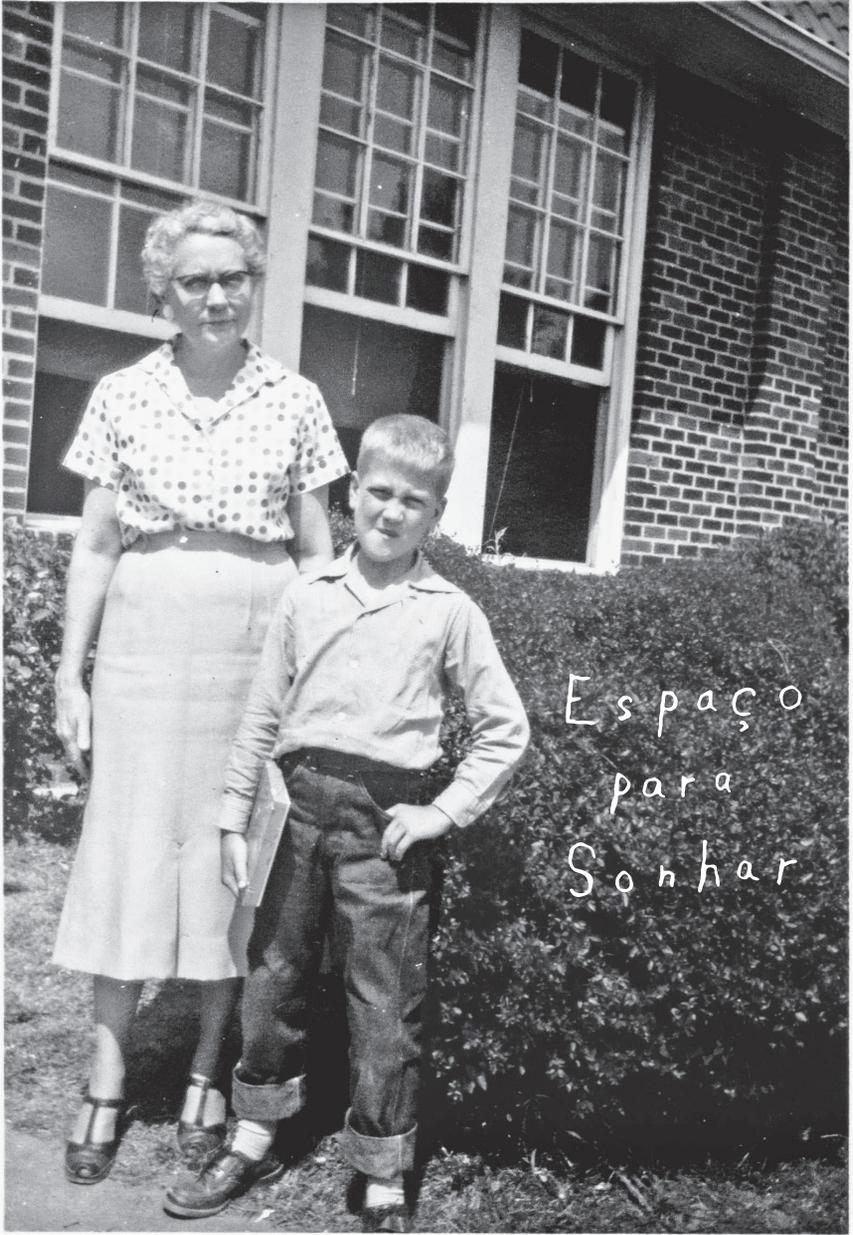
Não existiram regras pré-estabelecidas e nada estava fora dos limites quando iniciámos este livro. As muitas pessoas que, graciosamente, aceitaram ser entrevistadas, eram livres de contar a sua versão dos eventos, de acordo com aquilo que achavam apropriado. O livro não pretende ser uma exegese dos filmes e das obras de arte que constituem parte desta história — material desse género está abundantemente disponível noutros lugares; este livro é, antes,

## DAVID LYNCH E KRISTINE MCKENNA

uma crônica das coisas que aconteceram, e não tanto uma explicação acerca do que significam essas mesmas coisas.

Quando nos aproximávamos do final da nossa colaboração, deparámos com o mesmo pensamento: o livro parecia curto e não mergulhava profundamente na história que tínhamos em mãos. A consciência humana é demasiado vasta para caber entre capa e contracapa, e cada experiência tem demasiadas facetas para que possam ser todas contadas. Quisemos ser definitivos, mas, ainda assim, trata-se de um mero vislumbre.

*DAVID LYNCH e KRISTINE MCKENNA*



Espaço  
para  
Sonhar



## PASTORAL AMERICANA

A mãe de David Lynch era uma pessoa da cidade; o pai, do campo. Eis uma boa forma de começar esta história, porque se trata de uma história de dualidades. «Tudo existe num estado tão delicado, toda esta carne, vivemos num mundo imperfeito», observou Lynch, e essa compreensão é central em tudo o que ele fez.<sup>1</sup> Vivemos num universo de opostos, um lugar onde o Bem e o Mal, o espírito e a matéria, a Fé e a Razão, o amor inocente e a luxúria carnal existem lado a lado numa espécie de paz difícil. O trabalho de Lynch reside nessa zona complicada em que o belo e o maldito colidem.

A mãe de Lynch, Edwina Sundholm, era descendente de imigrantes finlandeses e cresceu em Brooklyn. Foi criada com o fumo e a fuligem das cidades, com o cheiro do óleo e da gasolina, com esquemas e manhas, e com a erradicação da natureza; estas coisas são parte integral de Lynch e da sua visão do mundo. O seu bisavô paterno estabeleceu-se perto de Colfax, estado de Washington, na terra do trigo, não longe de onde o seu filho, Austin Lynch, nasceria, em 1884. Oficinas de serragem, árvores enormes, o cheiro da relva recém-cortada, o céu noturno sempre estrelado, como só existe fora das cidades — também isto é parte de Lynch.

O avô de Lynch tornou-se um agricultor de trigo, como o seu pai, e depois de se terem conhecido num funeral, Austin e Maude Sullivan — uma rapariga de St. Maries, no Idaho — casaram-se. «A Maude era culta e educou o nosso pai para que fosse um rapaz muito motivado», diz a irmã de Lynch, Martha Levacy, acerca da sua avó, professora da escola com uma única sala de aula que existia nas

terras de que era proprietária, juntamente com o marido, perto de Highwood, no Montana.<sup>2</sup>

Austin e Maude Lynch tiveram três filhos: o pai de David Lynch, Donald, era o do meio, e nasceu no dia 4 de dezembro de 1915, numa casa sem água canalizada nem eletricidade. «Ele vivia num sítio desolado e amava as árvores porque não havia árvores na pradaria», disse John, o irmão de David. «Estava apostado em não ser agricultor nem viver na pradaria, por isso, dedicou-se à exploração florestal.»<sup>3</sup>

Donald Lynch estudava Entomologia, na Universidade de Duke, em Durham, na Carolina do Norte, quando conheceu Edwina Sundholm, em 1939. Ela tirava um curso superior em Alemão e Inglês, e eles cruzaram-se quando passeavam num bosque; ela ficou impressionada pela cortesia de Donald quando ele segurou um ramo para que ela pudesse passar. Ambos serviram na Marinha durante a Segunda Guerra Mundial; no dia 16 de janeiro de 1945, casaram-se numa capela da Marinha, na Ilha de Mare, na Califórnia, trinta e cinco quilômetros a noroeste da cidade de São Francisco. Pouco tempo depois, Donald conseguiu trabalho como investigador científico no departamento de Agricultura norte-americano, em Missoula, no estado do Montana. Foi aí que o casal deu início à sua família.

David Keith Lynch foi o seu primeiro filho. Nascido em Missoula, a 20 de janeiro de 1946, tinha dois meses quando a família se mudou para Sandpoint, no Idaho, onde passaram dois anos, enquanto Donald trabalhava para o departamento de Agricultura nessa localidade. Viviam em Sandpoint, em 1948, quando nasceu John, o irmão mais novo de David, mas também ele chegou ao mundo em Missoula: Edwina Lynch — conhecida como Sunny — regressou a Missoula para dar à luz o seu segundo filho. Mais tarde, nesse mesmo ano, a família mudou-se para Spokane, no estado de Washington, onde nasceu Martha, em 1949. Passaram o ano de 1954 em Durham, enquanto Donald terminava os seus estudos na Universidade de Duke, regressando brevemente a Spokane, até que se instalaram em Boise, no Idaho, em 1955, onde ficaram até 1960. Foi aí que David Lynch passou os anos mais relevantes da sua infância.

\*

O período após a Segunda Guerra Mundial foi o tempo perfeito para uma criança nos Estados Unidos. A Guerra da Coreia terminou em 1953, garantindo que o Presidente Dwight Eisenhower fosse eleito, sem dificuldades, para dois mandatos, e que permanecesse na Casa Branca de 1953 a 1961. Os espaços naturais no mundo ainda floresciam, e parecia que as pessoas não tinham muito com que se preocupar. Embora Boise fosse a capital do estado do Idaho, nesse tempo tinha as características de uma pequena cidade, e os filhos da classe média cresciam com uma liberdade que seria inimaginável nos dias de hoje. Ainda não se tinha inventado esse hábito de os pais combinarem encontros com outros pais para que os filhos possam brincar, e os miúdos deambulavam pelas ruas do seu bairro com os amigos, descobrindo as coisas por sua conta; assim decorreu a infância vivida por Lynch.

«Para nós, a infância foi verdadeiramente mágica, especialmente no verão, e as melhores memórias que tenho do David também ocorreram no verão», recorda Mark Smith, um dos amigos mais próximos de Lynch, em Boise. «A porta das traseiras da minha casa e a porta das traseiras da casa do David deviam estar a uns seis metros de distância; os nossos pais davam-nos o pequeno-almoço, e depois saímos porta fora e brincávamos o dia inteiro. Havia vários terrenos baldios no bairro, e levávamos as pás dos nossos pais para construir grandes fortes subterrâneos. Estávamos na idade em que os rapazes gostam muito de brincar aos soldados.»<sup>4</sup>

Tanto a mãe como o pai de Lynch tinham dois irmãos, e todos, com a exceção de um, tinham filhos, por isso a família era grande, com imensas tias, tios, primos; ocasionalmente, juntavam-se todos na casa dos avós maternos do David, em Brooklyn. «A tia Lily e o tio Ed eram pessoas calorosas e acolhedoras, e a casa deles, na 14th Street, era uma espécie de porto de abrigo. A Lily tinha uma mesa enorme que ocupava grande parte da cozinha, e todos se juntavam ao seu redor», recorda a prima de Lynch, Elena Zegarelli. «Quando a Edwina, o Don e os filhos apareciam, era um grande evento, e a Lily organizava um enorme jantar ao qual ia toda a gente.»<sup>5</sup>

Segundo os relatos, os pais de Lynch eram pessoas extraordinárias. «Os nossos pais deixavam-nos fazer coisas que eram um pouco loucas e que hoje não se fazem», diz John Lynch. «Tinham uma mente aberta e nunca tentavam forçar-nos a fazer isto ou aquilo.» A primeira mulher de David Lynch, Peggy Reavey, diz: «Uma das coisas que o David me disse sobre os pais, e que era excepcional, foi que, se algum dos filhos tivesse uma ideia sobre algo que queria fazer ou aprender, isso era levado muito a sério. Tinham uma espécie de oficina, onde faziam todo o tipo de coisas, e sempre que alguém perguntava: “Como é que podemos fazer isto?”, rapidamente a ideia passava de um mero pensamento para se tornar algo concreto, o que era poderoso.

» Os pais do David incentivavam os filhos a ser o que queriam», diz Reavey. «Mas o pai do David tinha critérios de comportamento bem definidos. Não se podia tratar mal as pessoas, e quando se fazia alguma coisa, era para se fazer o melhor possível. Era rigoroso quanto a isso. O David tem critérios impecáveis quando se trata do seu ofício, e tenho a certeza de que o pai teve algo a ver com isso.»<sup>6</sup>

Gordon Templeton, amigo de infância de David, lembra-se da mãe de Lynch como «uma grande dona de casa. Fazia roupas para os filhos e era uma costureira talentosa».<sup>7</sup> Os pais de Lynch eram românticos um com o outro. «Andavam de mãos dadas e despediam-se sempre com um beijo», conta Martha Levacy. E, ao assinar uma carta, a mãe de Lynch escrevia, por vezes, «Sunny», e desenhava um sol ao lado do seu nome, e escrevia «Don», com o desenho de uma árvore ao lado do nome do marido. Eram presbiterianos devotos. «Essa foi uma parte importante da nossa educação», diz John Lynch, «e frequentávamos a catequese. Os Smith, a família que vivia na casa ao lado da nossa, contrastavam muito com a nossa família. Aos domingos, os Smith entravam no seu carro descapotável, um *Thunderbird*, e iam esquiar, e a Senhora Smith fumava. Pelo contrário, a nossa família entrava no *Pontiac* e ia à igreja. O David achava que os Smith eram fixes e que a nossa família era chata.»

Eis como a filha de David, Jennifer Lynch, se recorda da avó: «Era uma mulher às direitas e muito ativa na igreja. A Sunny também tinha um ótimo sentido de humor e amava os filhos. Nunca tive a sensação

de que o David fosse favorecido, mas era definitivamente aquele com quem ela mais se preocupava. O meu pai amava profundamente os meus avós, mas também desprezava toda aquela bondade, uma vida exemplar e tudo o que isso representava. Ele tem uma ideia romântica desses tempos, mas também os odiava, porque queria fumar cigarros e ter uma vida artística, ao passo que eles frequentavam a igreja e era tudo perfeito, sossegado e bom. Isso deixava-o um pouco inquieto.»<sup>8</sup>

A família Lynch vivia numa rua sem saída, onde também moravam vários miúdos, próximos na idade, e que eram todos amigos. «Éramos uns oito», disse Templeton. «Havia o Willard “Winks” Burns, o Gary Gans, o Riley “Riles” Cutler, eu, o Mark e o Randy Smith, e o David e o John Lynch. Éramos como irmãos. Adorávamos a revista *Mad*, andávamos muito de bicicleta, íamos à piscina no verão e à casa das nossas amigas e ouvíamos música. Tínhamos muita liberdade, andávamos de bicicleta até às dez da noite, apanhávamos o autocarro para o centro da cidade, sozinhos, cuidávamos uns dos outros. Todos gostavam do David. Ele era amigável, despretenhioso, leal, sociável e sempre disposto a ajudar.»

Lynch parece ter sido um miúdo expedito, que desejava um tipo de sofisticação que era difícil de encontrar em Boise, nos anos cinquenta, e que, já em criança, falava da «ânsia de que acontecesse algo fora do comum». Pela primeira vez, a televisão oferecia realidades alternativas aos lares americanos, começando a mitigar o carácter regional e único das vilas e cidades de todo país. Podemos imaginar que uma criança intuitiva, como era David, possa ter percebido a mudança profunda que começava a transformar o país. No entanto, era também um rapaz do seu tempo e do lugar onde crescia; um membro abnegado dos escuteiros; e, já em adulto, apregoava ocasionalmente o seu estatuto como Águia, o mais alto grau a que um escuteiro pode aspirar.

«Estávamos todos nos escuteiros», diz Mark Smith. «Fazíamos várias atividades, como nadar, amarrar nós e montar acampamentos de sobrevivência de uma noite, em que nos ensinavam o que podíamos comer na floresta para sobreviver, como apanhar um esquilo e cozinhá-lo, e coisas do género. Tivemos algumas sessões para

aprender tudo isso, depois fomos para as montanhas, para sobreviver. Antes de partirmos, comprámos todo os doces que pudemos e, ao fim da primeira hora, já tínhamos comido tudo. Então, chegámos a um lago e disseram-nos para pescar um peixe, o que nenhum de nós conseguiu fazer, e, ao cair da noite, pensámos que íamos morrer de fome. Depois, reparámos num avião que sobrevoava a montanha, e vimos uma caixa com um para-quedas. Foi entusiasmante. A caixa estava cheia de mantimentos como ovos em pó, e todos sobrevivemos.»

Lynch era uma criança com uma habilidade natural para desenhar, e o seu talento artístico tornou-se evidente desde cedo. A mãe recusou-se a dar-lhe livros de colorir — sentia que iriam constringir a imaginação do filho —, e o pai levava muito papel gráfico para casa; Lynch tinha todos os materiais de que precisava e foi encorajado a ir para onde a sua mente o levava quando se sentava para desenhar. «Isto aconteceu logo após a guerra, pelo que havia muito material excedente do exército, e eu desenhava armas e facas», recorda Lynch. «Gostava de aviões, bombardeiros e caças, dos *Flying Tigers*, das metralhadoras *Browning*, arrefecidas com água.»<sup>9</sup>

Martha Levacy recorda: «A maioria das crianças vestia t-shirts simples, e o David começou a fazer t-shirts personalizadas para todos os miúdos da vizinhança, usando canetas de feltro; todos, no bairro, compraram uma. Lembro-me de que o Senhor Smith, nosso vizinho, comprou uma para um amigo que ia fazer quarenta anos. O David fez um desenho, que incluía a frase “A Vida Começa aos 40”, com um homem a olhar para uma mulher bonita.»

Lynch era uma criança talentosa e carismática. «Era definitivamente alguém por quem as pessoas se sentiam atraídas», diz Smith. «Era popular, e imagino-o facilmente a dirigir umas filmagens, ele sempre teve muita energia e muitos amigos, porque fazia as pessoas rir. Recordo-me de estarmos sentados no lancil do passeio, no quinto ano, de lermos coisas da *Mad*, em voz alta, um para o outro, e de nos rirmos muito. Quando vi o primeiro episódio de *Twin Peaks*, reconheci esse sentido de humor.» A irmã de Lynch diz: «No trabalho do David, é possível encontrar muito do humor desse período das nossas vidas.»

No sétimo ano, Lynch foi chefe de turma e tocou trompete na banda da escola. Como a maioria dos cidadãos fisicamente ativos de Boise, esquiava e nadava — «era bom em ambos os desportos», disse a sua irmã —, e jogava na posição de primeira base, na Little League de baseball. Também gostava de filmes. «Se ele fosse ver um filme que eu não conhecia, chegava a casa e contava-me tudo ao pormenor», diz John Lynch. «Lembro-me de um filme, em particular, que ele adorou, *O homem Que Matou Liberty Valance*, sobre o qual não parava de falar.» O primeiro filme de que Lynch se lembra de ver é *Cavalgada de Paixões*, um drama sombrio, realizado por Henry King, em 1952, que termina com o protagonista a ser abatido a tiro numa barbearia. «Vi esse filme num *drive-in*, com os meus pais, e lembro-me de uma cena em que um tipo é metralhado numa cadeira de barbeiro, e de outra em que uma menina brinca com um botão», recorda Lynch. «De repente, os pais percebem que ela engoliu o botão, que fica preso na garganta, e lembro-me de sentir uma sensação de verdadeiro horror.»

À luz do trabalho que Lynch produziu, não é surpreendente saber que as suas memórias de infância são uma mistura de escuridão e luz. Talvez o trabalho do seu pai, que lidava com árvores doentes, instigasse na consciência do filho um apurado sentido de percepção, que ele descreveu como «a dor e a decadência selvagens», que se escondem e que espreitam sob a superfície das coisas. Seja qual for o motivo, Lynch era excepcionalmente sensível à entropia que instantaneamente começa a corroer cada coisa nova, e considerava-a inquietante. As viagens de família, para visitar os avós em Nova Iorque, também deixavam Lynch ansioso, e ele lembra-se de ficar bastante perturbado com o que lá encontrava. «As coisas que me inquietavam eram leves, se comparadas com os sentimentos que me provocavam», diz ele. «Acho que as pessoas sentem medo ainda que não entendam o motivo desse medo. Por vezes, entras numa sala e percebes que algo está errado; quando fui para Nova Iorque, esse sentimento embrulhava-me como se fosse um cobertor. Quando estamos na natureza, surge um tipo diferente de medo, mas não deixa de existir medo. No campo, podem acontecer coisas terríveis.»

Uma pintura de Lynch, feita em 1988, intitulada *Boise, Idaho*, trata desse tipo de memórias. Nela, posicionado na parte inferior direita de um campo negro, vemos um contorno com a forma do estado do Idaho, por sua vez cercado por uma colagem, de letras minúsculas, com o título do quadro. O campo negro é rasgado por linhas verticais e irregulares, e um furacão ameaçador, à esquerda da imagem, parece avançar sobre o estado. É uma imagem perturbadora.

Ao que parece, as correntes mais turbulentas da mente de Lynch não eram notórias para os seus amigos de Boise. Smith diz: «Quando aquele carro preto está a subir a colina, em *Mulholland Drive*, sabemos que vai acontecer algo assustador, e essa imagem não é típica da pessoa que o David era em criança. A escuridão do seu trabalho surpreende-me, e não sei de onde vem.»

Em 1960, quando Lynch tinha catorze anos, o pai foi transferido para Alexandria, na Virgínia, e a família mudou-se novamente. Smith recorda: «Quando a família do David se mudou, foi como se alguém tirasse uma lâmpada de um candeeiro público. A família do David tinha um *Pontiac*, de 1950, e o emblema do *Pontiac* era a cabeça de um índio, ou seja, no capô do carro estava o símbolo com a cabeça de um índio. No carro deles, o nariz do índio estava partido, por isso chamávamos-lhe o carro do Chefe Nariz Partido. Eles venderam esse automóvel à minha mãe antes de se terem mudado.» Gordon Templeton lembra-se do dia em que a família Lynch partiu: «Eles iam apanhar o comboio, e muitos de nós fomos de bicicleta para a estação, a fim de nos despedirmos. Foi um dia triste.»

Embora Lynch tenha despontado como estudante de liceu em Alexandria, os anos que passou em Boise ocuparam sempre um lugar especial no seu coração. «Sempre que penso nesses tempos em Boise, vejo o otimismo eufórico e cintilante dos anos cinquenta», diz ele. Quando a família Lynch deixou Boise, outros vizinhos também se mudaram, e John Lynch lembra-se de David ter dito: «Foi então que a música parou.»

Lynch começou a abandonar a infância antes de ter saído de Boise. Lembra-se do desânimo que sentiu, quando era um miúdo, assim que

soube que perdera a estreia de Elvis Presley no programa de televisão *The Ed Sullivan Show*, e quando a família se mudou, ele já andava seriamente interessado em raparigas. «O David começou a namorar com uma miúda muito gira», conta Smith. «Estavam tão apaixonados.» A irmã de Lynch recorda: «O David sempre teve namoradas, desde bastante jovem. Quando estava nos primeiros anos do liceu, lembro-me de ele ter dito que beijara todas as colegas durante uma viagem de estudo no sétimo ano.»

Lynch regressou a Boise no verão após ter terminado o nono ano do liceu, na Virgínia, e passou várias semanas hospedado em casa de diferentes amigos. «Quando voltou, estava diferente», lembra Smith. «Tinha amadurecido, vestia-se de maneira diferente, regressou com um estilo único, e tinha calças pretas e uma camisa preta, o que era incomum no nosso grupo. Era uma pessoa muito confiante e, quando contava histórias sobre as experiências em Washington, D. C., ficávamos impressionados. Tinha uma sofisticação que me fez pensar: o meu amigo foi para um lugar distante, que fica muito além do meu.

» Depois do liceu, o David deixou de vir a Boise, e perdemos o contacto», recorda Smith. «A minha filha mais nova é fotógrafa e mora em Los Angeles. Um dia, em 2010, ela estava a trabalhar como assistente de outro fotógrafo, que lhe disse: “Hoje vamos fotografar o David Lynch.” Quando fizeram uma pausa durante a sessão, ela aproximou-se e disse: “Senhor Lynch, acho que talvez conheça o meu pai, o Mark Smith, de Boise.” O David respondeu: “Estás a gozar?”, e, quando visitei a minha filha, encontrei-me com o David na sua casa. Não o via desde o liceu, e deu-me um grande abraço. Quando me apresentou às pessoas que trabalhavam consigo, disse: “Quero que conheçam o Mark, meu irmão.” O David é muito leal, e manteve o contacto com a minha filha, como se fosse um pai. Fico feliz por saber que o David está perto dela. E quem me dera que ainda fosse o meu vizinho da casa do lado.»

Lynch nunca esqueceu os anos cinquenta, que para ele não desapareceram verdadeiramente. Mães vestidas com camisas de algodão,

que sorriem enquanto tiram do forno tartes acabadas de fazer; pais de ombros largos, com camisas desportivas, a assar carne num churrasco, ou a caminho do trabalho, sempre de fato; os cigarros omnipresentes – nos anos cinquenta, toda a gente fumava; rock clássico; empregadas de mesa, em *diners*, com pequenos bonés; meninas com meias até ao joelho e sapatos de fivela, camisolas e saias plissadas – tudo isso são elementos do vocabulário estético de Lynch. A atmosfera desses anos, que o marcou, é, todavia, a vertente da qual nunca se esqueceu: o verniz cintilante da inocência e da bondade, as forças sombrias que pulsavam sob esse verniz e a sensualidade secreta que impregnava esse tempo são uma espécie de pilar para a sua arte.

«O bairro onde o *Veludo Azul* foi filmado parece-se muito com o nosso bairro em Boise, e a meio quarteirão da nossa casa havia um prédio assustador, como o do filme», diz John Lynch. A sequência de abertura de *Veludo Azul*, com imagens da idílica vida americana, foi inspirada em *Good Times on Our Street*, um livro infantil que se alojou na mente de David de forma permanente. «A cena do carro, no *Veludo Azul*, também tem origem numa experiência que aconteceu em Boise. Certa vez, o David e alguns dos seus amigos acabaram no carro de um rapaz mais velho, que ia a cento e cinquenta quilómetros por hora na Capitol Avenue. Acho que foi assustador, aquele rapaz louco, mais velho, num carro veloz, que conduzia perigosamente; o David nunca se esqueceu disso. Ele incorpora no seu trabalho muito da sua infância.»

De facto, Lynch faz referência à infância nas suas obras, mas a sua motivação criativa, e as coisas que produziu, não podem ser explicadas com uma simples equação. Podemos dissecar a infância de uma pessoa, em busca de pistas que expliquem o adulto em que a criança se tornou, mas, na maioria das vezes, não há nenhum incidente instigador, nenhum «Rosebud». Quando nascemos, temos em nós já muito do que somos. Lynch nasceu com uma disponibilidade extraordinariamente intensa para a alegria, e um desejo de se encantar, era confiante e criativo desde o início. Não era um dos rapazes que comprariam uma t-shirt com um desenho irreverente. Era o rapaz que faria essas t-shirts. «O David era um líder nato», diz o seu irmão John.





É simpático que o meu irmão diga que quando nasci era um líder nato, mas eu era uma criança normal. Tinha bons amigos e não pensava se era, ou não, popular, nunca senti que fosse diferente.

Pode dizer-se que o meu avô, do lado da minha mãe, o avô Sundholm, era um tipo da classe trabalhadora. Tinha ferramentas fantásticas na sua oficina de carpintaria, na cave, e uns baús de madeira primorosamente construídos, com vários sistemas de trancas e outras coisas do género. Aparentemente, os parentes desse lado da família eram especialistas em marcenaria e construíram muitas das estantes das lojas na 5th Avenue. Fui visitar esses avós, de comboio, com a minha mãe, quando era muito pequeno. Lembro-me de que era inverno, que o meu avô passeava comigo e que, aparentemente, eu falava muito. Falava com o tipo do quiosque de jornais, em Prospect Park, e acho que também sabia assobiar. Era um menino feliz.

Mudámo-nos para Sandpoint, no Idaho, logo após o meu nascimento, e a única coisa de que me lembro de Sandpoint é de estar sentado numa poça de lama com o pequeno Dicky Smith. Era um buraco, debaixo de uma árvore, que tinham enchido com água da mangueira. Lembro-me de espremer a lama naquela poça, era o paraíso. A parte mais importante da minha infância aconteceu em Boise, mas também adorei Spokane, em Washington, onde morámos depois de Sandpoint. Spokane tinha um céu azul incrível. Devia haver uma base da força aérea ali perto, pois naquele céu aberto voavam aviões gigantescos, que avançavam muito lentamente, porque eram aviões a hélice. Sempre adorei construir coisas, e as primeiras

coisas que fiz foram armas de madeira, em Spokane. Esculpi-as e cortei-as, usando serras, eram armas bastante rudimentares. Também adorava desenhar.

Tinha um amigo chamado Bobby, em Spokane, que morava numa casa no fim do quarteirão, onde também havia um prédio com vários apartamentos. Bem, estamos no inverno e vou até lá, com a minha roupa para a neve, andaria, é provável, na creche. Estou vestido com a roupa para a neve e o meu amigo Bobby também, caminhamos por ali e faz muito frio. O edifício fica afastado da rua, e vemos que tem um corredor, com várias portas, e uma das portas dos apartamentos está aberta. Entramos e damos por nós num apartamento, e ninguém se encontra em casa. De alguma forma, surge-nos a ideia de começar a fazer bolas de neve e de as pôr nas gavetas de uma secretária. Deixámos bolas de neve em todas as gavetas do escritório — fizemos bolas de neve e deixámo-las em todas as gavetas que encontrámos. Fizemos umas bolas de neve enormes, com cerca de sessenta centímetros de diâmetro, e pusemo-las na cama. Pusemos mais bolas de neve nas outras divisões da casa. Depois, agarrámos nas toalhas da casa de banho e levámo-las para a rua, pondo-as na estrada, estendidas no chão como bandeiras. Os carros apareciam, diminuíam a velocidade e, então, o condutor dizia: «Que se lixe», e passava por cima das toalhas. Vimos alguns carros passarem sobre as toalhas e fomos de imediato, com as nossas roupas para a neve, fazer mais bolas. Terminamos e vamos para casa. Estou na sala de jantar quando o telefone toca, mas não penso que seja algo de especial. Naquela época, o telefone quase nunca tocava, no entanto, não fiquei em pânico ao ouvir o telefone tocar. A minha mãe podia ter atendido, mas é o meu pai quem agarra no telefone, e da maneira como fala, começo a ter um pressentimento. Acho que o meu querido pai teve de pagar uma bela quantia pelos estragos. Porque fizemos aquilo? Vai-se lá saber...

Depois do período em Spokane, mudámo-nos para a Carolina do Norte durante um ano, para que o meu pai pudesse terminar os estudos académicos; no dia em que ouvi pela primeira vez a música

«Three Coins in the Fountain», já tinha uma certa altura e estava a olhar para o edifício da Universidade de Duke. Havia por ali uma fonte. Havia a luz do sol de 1954, e era incrível senti-la, com aquela música a tocar em pano de fundo.

Os meus avós Sundholm viviam num belo prédio, na 14th Street, em Nova Iorque, e tinham um edifício, que o meu avô geria, na 7th Avenue. O prédio talvez tivesse algumas lojas, mas também era um edifício residencial. Moravam ali várias pessoas, mas não tinham permissão para cozinhar. Uma vez, quando fui lá com o meu avô, a porta de um dos apartamentos estava aberta, e vi um tipo a cozinhar um ovo num ferro de engomar. As pessoas inventam maneiras de fazer as coisas. É verdade que, quando era pequeno, ir a Nova Iorque deixava-me inquieto. Tudo em Nova Iorque me deixava receoso. O metro era surreal. Descendo as escadas para estação, havia um certo cheiro, os comboios arrastavam um vento com esse cheiro, bem como o som — eu via diversas coisas, em Nova Iorque, que me assustavam muitíssimo.

Os pais do meu pai, Austin e Maude Lynch, moravam numa quinta onde se produzia trigo, em Highwood, no Montana. O pai do meu pai era uma espécie de *cowboy*, e eu adorava vê-lo a fumar. Eu já tinha vontade de fumar, mas ele reforçou esse desejo. O meu pai fumava cachimbo quando eu era muito novinho, mas apanhou uma pneumonia e deixou de fumar. Ele manteve sempre os cachimbos lá por casa, e eu gostava de fingir que fumava com eles. Puseram uma fita adesiva ao redor das boquilhas, porque achavam que estavam sujas, e eu recebi uma série de cachimbos com fita adesiva, alguns curvados, outros retos; amava os meus cachimbos. Comecei a fumar quando era muito jovem.

Os meus avós tinham um rancho, e a cidade grande mais próxima era Fort Benton. A certa altura, na década de 1950, mudaram-se do rancho para uma pequena quinta, em Hamilton, no Montana, onde tinham um bom pedaço de terra. Era um sítio muito rural. Tinham um cavalo chamado *Pinkeye*, que montei, e lembro-me de o ver a beber água num riacho: foi precisa muita contenção para

que não desmontasse do cavalo e fosse mergulhar. Podíamos sair de casa e disparar uma arma no quintal, nunca acertaríamos em nada. Cresci a adorar as árvores, estabeleci uma forte ligação com a natureza quando era criança. Era tudo o que conhecia. Quando a família ia de carro para qualquer lugar do país, estacionávamos algures, o meu pai montava uma tenda e acampávamos — nunca ficávamos em hotéis. Naquela época, havia parques de campismo ao longo das estradas, mas agora desapareceram. No rancho, tínhamos de consertar muitas coisas, por isso, havia toneladas de ferramentas para todo o tipo de trabalhos; o meu pai teve sempre uma pequena oficina de carpintaria. Era um artesão, reconstruía instrumentos musicais, fez uns dez ou onze violinos.

Projetos! A palavra «projeto» era muito emocionante para toda a gente da minha família. Temos uma ideia para um projeto e juntamos as ferramentas — as ferramentas são uma das melhores coisas do mundo! É incrível que existam pessoas que inventam coisas para tornar outras coisas mais precisas. Como disse a Peggy, os meus pais levavam a sério tudo o que eu queria fazer.

Os meus pais eram amáveis e bons. Também tiveram bons pais, e toda a gente os adorava. Eram justos. Isto é algo em que não pensamos muito, mas quando ouvimos as histórias das outras pessoas, percebemos que tivemos sorte. O meu pai era uma pessoa incomum. Eu costumava dizer que, caso lhe cortassem a trela, ele correria de imediato para a floresta. Certa vez, eu e o meu pai fomos caçar veados. A caça era parte do mundo em que o meu pai cresceu, toda a gente tinha armas e caçava; ele era um caçador, mas não um caçador ávido. Se matasse um veado, seria para que o comêssemos. Arrendávamos uma arca frigorífica e, de vez em quando, íamos à cave, onde estava a arca, pegávamos num pedaço de carne e, assim, tínhamos veado para o jantar, o que eu odiava. Nunca matei um veado, e sinto-me feliz por nunca o ter feito.

Seja como for, dessa vez, eu não teria mais de dez anos, fomos caçar veados, por isso saímos de Boise e entrámos numa autoestrada com duas faixas. A única luz é a dos faróis do carro, está escuro

como breu. É difícil, para as pessoas de hoje, imaginarem tal coisa, porque agora quase não encontramos estradas que sejam completamente escuras. Bem, a noite está negra como breu; avançamos nessas estradas sinuosas, até às montanhas, quando um porco-espinho atravessa a estrada a correr. O meu pai odeia porcos-espinhos, porque comem os topos das árvores, o que as mata, e por isso tenta atropelar o bicho, que cruza a estrada e fica a salvo. Então, o meu pai grita e pisa o pedal do travão, abre o porta-luvas, pega na pistola de calibre 32 e diz: «Vamos lá, Dave!» Corremos os dois pela estrada, seguimos o porco-espinho por uma colina rochosa; sempre que tentamos subir, escorregamos por ali abaixo. No topo desta pequena colina há três árvores. O porco-espinho trepa por uma delas, por isso começamos a atirar pedras para ver em que árvore está. Descobrimos qual é, o meu pai começa a subir a árvore e diz: «Dave! Atira uma pedra e vê se ele se mexe. Não consigo vê-lo!» Então, lanço uma pedra e o meu pai grita: «Não! Não atires a pedra contra mim!» Depois, arremesso mais algumas pedras, ele ouve o porco-espinho a correr e — Pum! Pum! Pum! — eis o bicho a cair da árvore. Voltamos para o carro e vamos caçar veados; no regresso, paramos no mesmo lugar e vemos que o porco-espinho está coberto de moscas. Fiquei com pena do bicho.

Fiz o segundo ano da primária em Durham, na Carolina do Norte; a minha professora era a Senhora Crabtree. O meu pai tinha voltado a estudar em Durham, para fazer um doutoramento em Silvicultura, por isso, estudava todas as noites, na mesa da cozinha, e eu estudava com ele. Era o único miúdo da minha turma que tinha nota máxima em todas as disciplinas. A minha namorada no segundo ano, a Alice Bauer, teve boas notas, mas ficou em segundo lugar. Uma noite, quando eu e o meu pai estávamos sentados, a estudar, ouvi a minha mãe dizer algo ao meu pai sobre um rato que estava na cozinha. No domingo seguinte, a minha mãe levou o meu irmão e a minha irmã à igreja, esperando que o meu pai ficasse em casa para se livrar do animal. Ele pediu-me ajuda para mover o fogão, e o ratinho saiu a correr, atravessou a sala e saltou para dentro de um armário

no qual havia roupas penduradas. O meu pai agarrou num taco de baseball e bateu nas roupas até que o ratinho caiu, coberto de sangue.

Idaho City foi, em tempos, a maior cidade do estado do Idaho, mas, quando nos mudámos para Boise, viveriam em Idaho City cerca de cem pessoas, no verão, e cinquenta no inverno. Era lá que ficava o Centro de Pesquisa Florestal Experimental da Bacia de Boise, e o meu pai era responsável pela floresta experimental. A palavra «experimental» é tão bonita. Adoro-a. Eles estudavam a erosão, os insetos e as doenças, e tentaram descobrir como tornar as árvores mais saudáveis. Todos os edifícios eram brancos, com frisos verdes, e no pátio havia postes com pequenas casas de madeira no topo. Pareciam casas de passarinhos, mas com portas, e quando as abríamos, encontrávamos todo o tipo de dispositivos que registavam informações como a humidade e a temperatura. Eram casas belas e pintadas de branco, com frisos verdes iguais aos dos edifícios. Quando entrávamos num escritório, encontrávamos milhões de pequenas gavetas, e ao abríamos essas gavetas, encontrávamos insetos presos com pequenos alfinetes. Havia estufas enormes, com mudas de plantas; se entrássemos na floresta, veríamos que muitas das árvores tinham pequenas marcas, por causa de algum tipo de experiência ou algo do género. Essas marcas eram verificadas regularmente.

Nesses anos, eu tinha o hábito de caçar esquilos. O pai levava-me para a floresta, numa das carrinhas do Serviço Florestal, as quais eu adorava — eram tão suaves na estrada, pintadas com o mesmo verde usado pelo Serviço Florestal. Saía com meu revólver de calibre 22, depois de almoço, e o meu pai ia buscar-me no final do dia. Tinha autorização para matar quantos esquilos conseguisse, porque a floresta fora invadida por eles, mas não podia caçar nenhum pássaro. Uma vez, ao ver um pássaro a partir em voo do topo de uma árvore, levantei minha arma e puxei o gatilho. Nunca pensei que lhe iria acertar, mas devo ter atingido o centro do seu corpo, porque as penas explodiram e ele girou, caiu, mergulhou num riacho e foi arrastado pela corrente.

Morávamos na Parke Circle Drive, em Boise, e ao lado viviam os Smith. Havia o Senhor e a Senhora Smith; os quatro filhos, Mark, Randy, Denny e Greg; e a avó, que se chamava Nana. A Nana estava sempre a fazer jardinagem, e sabíamos sempre quando é que ela estava no jardim porque ouvíamos o tilintar do gelo no seu copo. Ela estava lá fora, com as suas luvas de jardinagem, uma bebida numa mão e, na outra, uma pequena pá. Foi ela que ficou com o *Pontiac* que a minha família vendeu aos Smith. Não era completamente surda, mas era surda o suficiente para que, sempre que ligava o carro, tivesse de pisar o acelerador a fundo, em ponto morto, a fim de perceber se o motor estava ligado. Ouvíamos um rugido gigante na garagem e sabíamos que a Nana ia a algum lado. Aos domingos, as pessoas em Boise iam à igreja, e os Smith frequentavam uma igreja episcopal. Tinham uma carrinha *Ford*, que usavam para ir até lá, e o Senhor e a Senhora Smith sentavam-se nos bancos da frente, com um volume de cigarros. Não estou a falar de uns quantos maços; refiro-me a um volume inteiro.

As crianças tinham muita liberdade nessa altura. Íamos a todo lado e nunca estávamos dentro de casa durante o dia. Fazíamos coisas, o que era fantástico. É horrível que as crianças já não cresçam assim. Como pudemos deixar que isto acontecesse? Não tivemos televisor até ao meu terceiro ano de escola. Na minha infância, vi um pouco de televisão, mas não muita. O único programa que via amiúde era a série *Perry Mason*. A televisão fez o que a Internet está a fazer agora com mais intensidade: homogeneizou tudo.

Eis algo importante dos anos cinquenta, algo que nunca mais voltará a acontecer: as diferenças entre os lugares. Em Boise, as miúdas e os rapazes vestiam-se de uma certa maneira, e se fôssemos para a Virgínia, veríamos que usavam roupas completamente diferentes. Se fôssemos até Nova Iorque, perceberíamos que também se vestiam de uma maneira distinta e ouviam outras músicas. Se fôssemos ao bairro de Queens, veríamos que as raparigas tinham um estilo que nunca tínhamos visto na vida! E as de Brooklyn eram diferentes das de Queens! Conhecem a fotografia da artista Diane Arbus

em que vemos um casal com o bebê, na qual a rapariga tem um penteado grande e bonito? Nunca veríamos tal coisa em Boise ou na Virgínia. E a música. Se mergulhássemos no ambiente musical de um lugar, olhássemos para as raparigas e ouvíssemos o que elas ouviam, ficaríamos logo com uma imagem geral do que por ali acontecia. O mundo em que elas viviam era absolutamente estranho e único, e queríamos saber tudo sobre esse mundo, sobre o que elas gostam. Hoje, este tipo de diferenças praticamente desapareceu. Ainda há pequenas diferenças, como os *hipsters*, mas podemos encontrar *hipsters* noutros lugares que são exatamente iguais aos *hipsters* da nossa cidade.

Desde muito jovem, eu tive uma namorada nova todos os anos, e todas eram incríveis. No jardim de infância, ia a pé para a escola com uma menina e levámos toalhas para fazer a sesta. Era esse tipo de coisa que fazíamos com as meninas no jardim de infância. Tenho um amigo, o Riley Cutler, a quem o meu filho Riley deve o seu nome — bem, no quarto ano, tive uma namorada chamada Carol Cluff; no quinto, ela era namorada do Riley, e são casados ainda hoje. A Judy Puttnam foi a minha namorada no quinto e no sexto ano, e depois, no liceu, tive uma nova namorada a cada duas semanas. Tinha uma namorada por um tempo, depois passava para outra. Tenho uma fotografia na qual surjo a beijar a Jane Johnson, numa festa, numa cave, em Boise. O pai da Jane era médico, e eu e a Jane víamos juntos os livros de medicina dele.

Vou descrever um beijo de que me lembro muito bem. O chefe do meu pai chamava-se Senhor Packard; num verão, a família Packard apareceu e ficou hospedada na estação de pesquisa. Havia uma miúda linda, da família, chamada Sue, que tinha a minha idade, e que trouxera o seu vizinho; eles disseram-me que já tinham feito sexo. Eu estava muito longe de vir a ter sexo e senti-me muito espantado por ver que eles me contavam aquelas coisas com tanta descontração. Um dia, eu e a Sue escapámos ao namorado dela e fomos sair sozinhos. No solo da floresta há uma camada de agulhas de pinheiro, entrelaçadas, talvez com sessenta centímetros de espessura,

material ao qual chamam *duff*. É inacreditavelmente macio, e nós corríamos por entre as árvores e mergulhá-vamos nesse material macio enquanto dávamos um longo beijo. Era como um sonho. Aquele beijo foi ficando cada vez mais e mais intenso; começava a atear um incêndio.

Acima de tudo, lembro-me bem dos verões, porque o inverno era sinônimo de escola, e nós, seres humanos, esquecemo-nos da escola porque essa experiência é horrível. Mal me lembro de estar numa sala, e não tenho memórias de nenhuma das minhas aulas, exceto a disciplina de arte. Embora tivesse uma professora muito conservadora, recordo-me de que a adorava. Mas, ainda assim, preferia andar na rua a estar na escola.

Fazíamos esqui num lugar chamado Bogus Basin, que ficava a quase trinta quilômetros de casa, através de estradas sinuosas, nas montanhas, mas a neve era incrível, muito melhor do que a de Sun Valley. Era um lugar pequeno, mas, quando éramos crianças, parecia-nos muito grande. No verão, recebíamos um passe para a temporada de esqui, no inverno, caso trabalhássemos alguns dias na Bogus Basin, a limpar a mata e outras tarefas. Estávamos lá em cima, a trabalhar, durante o verão, quando encontrámos uma vaca morta e inchada, junto a um riacho. Tínhamos picaretas; então, pensámos em fazer explodir a vaca. Um dos lados de uma picareta é uma espécie de lâmina, e a outra extremidade é uma ponta de aço, afiada. Acertámos com a ponta de uma das picaretas na vaca; porém, assim que o fizemos, percebemos que não seria tão fácil como pensámos. Batíamos com a picareta na vaca e a ferramenta fazia ricochete no animal — podia matar alguém. A vaca dava peidos quando lhe batíamos com muita força, e o cheiro era venenoso porque o animal estava a apodrecer. Não conseguimos rebentar a vaca. Acho que desistimos. Não sei por que razão queríamos rebentar a vaca. Já se sabe, miúdos... são incapazes de estar quietos.

Na estância de esqui, em vez de um teleférico, havia um saca-rabos para chegar ao topo da montanha, e no verão era possível

encontrar objetos perdidos na área onde as pessoas aguardavam pelo saca-rabos. As pessoas deixavam cair coisas na neve, e nós encontrávamo-las quando a neve derretia. Notas de cinco dólares e todos o tipo de moedas – era tão bom encontrar dinheiro. Certa vez, ao passar pelo liceu, para ir apanhar o autocarro para a estância de esqui, num dia em que havia uns quinze centímetros de neve no chão, olhei e vi um pequeno porta-moedas azul. Peguei nele: estava encharcado de neve e cheio de dinheiro canadiano, que podia ser usado nos Estados Unidos. Gastei grande parte desse dinheiro, naquele dia, na estância de esqui. Havia bolos na área comercial, e é possível que tenha comprado alguns para os meus amigos. Mas levei o resto do dinheiro para casa, e o meu pai obrigou-me a publicar um anúncio, no jornal, para encontrar quem tivesse perdido a carteira. Ninguém disse nada, e por isso pude ficar com ela.

A minha professora do quarto ano era a Senhora Fordyce, e nós chamávamos-lhe Senhora *Four-Eyes*\*. Eu sentava-me na terceira ou quarta secretária, a partir da frente da sala, e havia uma miúda sentada atrás de mim que usava uma pulseira e que parecia coçar-se como uma louca. Parecia que não conseguia conter-se. Eu achava que sabia o que ela estava a fazer, mas de facto não sabia. As crianças aprendem essas coisas aos poucos. A minha namorada do sexto ano, a Judy Puttnam, tinha uma amiga chamada Tina Schwartz. Um dia, na escola, todas as raparigas foram chamadas para ir para uma sala diferente, depois voltaram. Sempre fui muito curioso. «Qual é o problema?», perguntei. Naquela tarde, fui para a casa da Judy, depois para a casa da Tina Schwartz, e a Tina disse: «Vou contar-te o que nos disseram.» Sacou de um tampão, agachou-se e mostrou-me como se usava, o que me impressionou.

Nos anos cinquenta, as pessoas amadureciam muito mais tarde. No sexto ano, contava-se uma história sobre um tipo, da nossa turma, que já fazia a barba e que era mais alto do que a maioria dos outros miúdos. Dizia-se que ele tinha entrado na casa banho dos rapazes

---

\* Equivalente à expressão portuguesa «quatro-olhos». [N. T.]

e feito alguma coisa com o seu pênis, de onde saíra um líquido branco. Eu disse: O quê? Não acredito. Mas algo me dizia que era verdade. Equiparo-o à transcendência na meditação. Não é possível acreditar que alguém possa, de facto, tornar-se um iluminado, mas algo dentro de nós nos diz que pode ser verdade. Foi o que aconteceu. Sendo assim, pensei, vou tentar fazer aquilo hoje à noite. Demorou uma eternidade. Não acontecia nada. E, de repente, uma sensação – pensei, de onde vem esta sensação? Uau! Afinal, a história era verdadeira e inacreditável. Foi como descobrir o fogo. Foi como descobrir a meditação. Aprendemos essa técnica e, imagine-se, as coisas começam a transformar-se. É real.

Também me lembro do momento em que descobri o *rock 'n' roll*, quando era criança. O *rock* faz-nos sonhar, provoca sensações, e ouvi-lo pela primeira vez foi uma sensação tão poderosa. Com o nascimento do *rock*, a música mudou, mas hoje a diferença não é tão significativa como nos tempos em que o *rock* apareceu, porque a música que o precedeu era muito diferente. É como se o *rock* tivesse surgido do nada. Já se fazia *rhythm and blues*, mas não conhecíamos esse estilo musical, e não ouvíamos *jazz*, exceto Dave Brubeck. Em 1959, o Dave Brubeck Quartet lançou *Blue Rondo à la Turk*, disco que adorei. O Senhor Smith tinha o álbum, ouvi-o na casa dos Smith e apaixonei-me por aquela música.

Nos anos cinquenta, o cinema não era importante em Boise. Lembro-me de ter visto o filme *E Tudo o Vento Levou*, numa sessão ao ar livre, em Camp Lejeune, na Carolina do Norte, num belo relvado. Ver *E Tudo o Vento Levou* num ecrã gigante, ao ar livre, numa noite de verão – foi tão bom. Não me lembro de falar com o meu irmão sobre filmes, e não me lembro do dia em que vi *O Feiticeiro de Oz* pela primeira vez, mas, seja lá quando foi, o filme tocou-me, permanece comigo. Não estou sozinho. Esse filme ficou na memória de muitas pessoas.

A atmosfera de uma pequena cidade nos anos cinquenta é uma experiência única, e é importante captar esse ambiente. Trata-se de

um sonho, sem dúvida. O ambiente dos anos cinquenta não era completamente positivo, e sempre soube que aconteciam coisas estranhas que eu não conhecia muito bem. Quando saía para a rua, à noite, na minha bicicleta, passava por casas que tinham luzes quentes no seu interior, conhecia as pessoas que moravam nessas casas. Noutras, as luzes eram fracas, e noutras nem havia luz e eu não conhecia as pessoas que lá viviam. Era possível sentir que nessas casas aconteciam coisas que não eram felizes. Não pensava muito nisso, mas sabia que algo se passava do outro lado daquelas janelas.

Certa noite, saí com o meu irmão, estávamos perto do fim da rua. Hoje, todas as ruas são iluminadas à noite, mas, naqueles anos, nas pequenas cidades como Boise, embora houvesse iluminação pública, as luzes eram mais fracas e o ambiente era mais sombrio. Isso fazia com que a noite fosse mágica, porque tudo se dissolvia na escuridão. Bem, estávamos no final da rua, à noite, e do meio dessa escuridão — que era tão incrível — apareceu uma mulher nua, com a pele branca. Talvez fosse a luz, ou a maneira como ela surgiu vinda da escuridão, mas pareceu-me que a sua pele era pálida, da cor do leite, e que tinha a boca ensanguentada. Caminhava com dificuldade e estava maltratada, completamente nua. Nunca tinha visto nada assim, e ela ia-se aproximando de nós, mas sem nos ver. O meu irmão começou a chorar, ela sentou-se no lancil do passeio. Queria ajudá-la, mas eu era uma criança, não sabia o que fazer. Podia ter perguntado: Está bem? O que é que se passa? Mas ela não dizia nada. Estava assustada, alguém lhe tinha batido, mas, apesar de estar traumatizada, percebemos que era linda.

Quando saía de casa, na Parke Circle Drive, nem sempre encontrava os meus amigos. Certa vez, saí para a rua, estava um dia nublado, é possível que tenha sido no início da manhã. A casa ao lado da dos Smith pertencia à família Yontz; o relvado dos Smith misturava-se com o relvado dos Yontz, e entre as duas casas havia um pequeno espaço, com arbustos de um lado e uma cerca do outro, e um portão que se abria para um beco sem saída. Sentado no chão, no lado de cá do portão, estava um miúdo que eu nunca tinha visto,

a chorar. Aproximei-me e disse: «Estás bem?» Mas ele não me respondeu. Então, aproximei-me um pouco mais e perguntei o que tinha acontecido, e ele disse: «O meu pai morreu.» Ele chorava tanto que mal conseguia falar, e a forma como contou aquilo destroçou-me. Sentei-me a seu lado, durante algum tempo, mas percebi que não podia ajudá-lo. Quando somos crianças, a morte é algo distante e abstrato; como tal, não nos preocupamos muito com isso, mas quando falei com aquele miúdo, tive uma sensação horrível.

Na Vista Avenue havia todo o tipo de lojas, como espaços para venda de artigos de lazer ou de ferragens, e era lá que comprávamos material para construir bombas. Aprendemos a fazê-las e construimos três bombas poderosas na cave do Riley Cutler. O Riley fez explodir uma delas, sozinho, perto de um grande canal de irrigação, e disse que tinha sido incrível. Lancei a segunda bomba para a frente da casa do Willard Burns. Todos jogávamos basebol, por isso tínhamos braços fortes, e consegui atirar a bomba bem para o alto; ela desceu, bateu no chão e saltou, mas não explodiu. Então, lancei-a novamente, e dessa vez, quando bateu no chão, ressaltou e explodiu de forma absurda. Estilhaçou um cano de metal e destruiu uma das tábuas da cerca da casa ao lado, que pertencia ao Gordy Templeton. O Gordy estava no «trono» quando aquilo aconteceu, e por isso saiu de casa ainda a puxar as calças para cima e a segurar um rolo de papel higiénico. Dissemos: «Espera um pouco.» Aquilo podia ter matado alguém ou ter feito explodir as nossas cabeças; por isso, lançámos a última bomba numa piscina vazia, onde reventaria sem ferir ninguém.

A bomba fez um barulho enorme quando explodiu na piscina; depois, eu e o Gordy saímos dali numa direção, e todos os outros foram por outra. Fui à casa do Gordy. A sua sala de estar tinha uma enorme janela com vista para a rua. Estamos no sofá, e a Senhora Templeton trouxe-nos sanduíches de atum e batatas fritas de pacote, algo que nunca comia em casa, a menos que as batatas fossem servidas num tacho, sobre o atum. Aquelas eram as únicas batatas

fritas de pacote que eu comera. E também não podia comer doces, exceto, talvez, bolachas de aveia com passas. Coisas saudáveis. De qualquer forma, estamos a comer as nossas sanduíches quando vemos, lá fora, através da janela, uma moto gigante, dourada, preta e branca, montada por um polícia gigante. Meteu o capacete debaixo do braço, caminhou até à porta, tocou à campainha e levou-nos para a esquadra. Eu era chefe de turma, na escola, e tive de escrever um documento, para a polícia, sobre os deveres e obrigações da liderança.

Também me meti em sarilhos por outras razões. Quando eu estudava no liceu, a minha irmã Martha andava na primária e ia a pé para a escola. Disse à minha querida irmã que, quando passasse pelo liceu, devia esticar o dedo do meio para as pessoas, porque esse gesto era sinal de amizade. Não sei se alguma vez o chegou a fazer, mas perguntou ao meu pai se era verdade, e ele ficou muito chateado comigo. Noutra ocasião, um miúdo roubou ao pai uma mão-cheia de balas de calibre 22 e deu-me algumas. As balas de calibre 22 pareciam-me muito pesadas; são como joias pequenas. Guardei-as durante algum tempo; comecei a pensar que aquilo me traria problemas, e por isso enrolei-as no jornal, pu-las num saco e deitei-as no lixo. No inverno, a minha mãe tinha o hábito de queimar lixo na lareira; como tal, encheu a lareira de papéis, acendeu o lume e, em pouco tempo, as balas começaram a voar pela sala. Aquilo pôs-me em sarilhos.

Um dia, estávamos a fazer um torneio de badminton, nas traseiras da casa dos Smith, quando ouvimos uma explosão gigante; corremos para a rua e vimos o fumo a subir ao fundo do quarteirão. Fomos até lá e encontrámos um tipo chamado Jody Masters, que era mais velho do que nós. O Jody Masters estava a construir um foguete, com um cano, que explodiu acidentalmente e lhe cortou o pé. A sua mãe, que estava grávida, saiu para a rua e viu o filho, que não se conseguia levantar. Tentou, mas o pé estava pendurado por tendões, numa poça de sangue e de milhões de cabeças de fósforo queimadas. Trataram-lhe do pé e ficou tudo bem. Em Boise, fabricava-se muitas bombas caseiras e incendiava-se muita coisa com gasolina.

Depois de ter terminado o oitavo ano, saímos de Boise e mudámo-nos para Alexandria, no estado da Virgínia. Fiquei chateado quando abandonámos Boise. Não sou capaz de exprimir quão chateado fiquei, foi o fim de uma era — o meu irmão está certo quando diz que a partir daí a música parou. No verão após o nono ano, a minha mãe, a minha irmã, o meu irmão e eu voltámos a Boise de comboio.

O meu avô Lynch morreu nesse verão; fui a última pessoa a vê-lo vivo. Ele tinha uma perna amputada, que nunca sarou completamente porque as veias endureceram; estava numa casa de repouso, no bairro, com mais cinco ou seis pessoas, todas ao cuidado de enfermeiras. A minha mãe e a minha avó visitavam-no todos os dias, mas certa vez não puderam ir e disseram: «David, vai visitar o avô, hoje não podemos ir.» Disse que sim. Após parte do dia ter passado, quando já estava a ficar tarde, lembrei-me do que tinha combinado. Pedi uma bicicleta emprestada a um miúdo que estava à frente da piscina da escola e fui pela Shoshone Street. Lá estava o meu avô, na sua cadeira de rodas, no jardim da casa, a apanhar ar fresco. Sentei-me com ele e tivemos uma ótima conversa. Não me lembro do que conversámos — talvez tenha feito algumas perguntas sobre os velhos tempos, e houve momentos de silêncio —, mas eu adorava sempre passar tempo com o meu avô. Então, ele disse: «Bem, Dave, tenho de voltar para dentro de casa.» E eu disse: «OK, avô.» Peguei na bicicleta e, enquanto me afastava, olhei para trás e vi as enfermeiras que o iam buscar. Pedalei pela rua e cheguei a uma garagem, de madeira verde, que bloqueou a minha visão; a última coisa que vi foi as enfermeiras que se aproximavam dele.

Daí, fui para a casa da Carol Robinson, porque o primo dela, o Jim Barratt, tinha construído uma bomba do tamanho de uma bola de básquete e ia explodi-la. Levou a bomba para o quintal, cuja relva, acabada de cortar, cheirava maravilhosamente. Não sinto esse cheiro há muito tempo e não conheço nenhum relvado deste tipo aqui em Los Angeles. Bem, ele pôs sobre a bomba uma tigela de porcelana, com cerca de quarenta e cinco centímetros de diâmetro. Acendeu o

pavio, aquilo explodiu — e nós nem podíamos acreditar. A explosão elevou a tijela uns bons sessenta metros no ar, havia terra por todo o lado e o fumo saía do relvado de uma maneira incrivelmente bela, uma coluna com uns três metros de altura. O que vi nesse instante foi uma imagem incrível.

Um pouco mais tarde, oiço sirenes e penso que talvez a polícia esteja a caminho; por isso, pego na bicicleta, acelero até à piscina e entrego-a ao dono. Quando estou a caminho do apartamento dos meus avós, vejo a minha mãe cá fora. Ela ia entrar no carro, mas, quando me viu, começou a acenar loucamente, por isso acelerei o passo, aproximei-me dela e disse: «O que foi?» Ela respondeu apenas: «O avô.» Conduzi o carro velozmente até ao hospital no centro de Boise, onde estava o meu avô, estacionei em segunda fila e a minha mãe entrou no edifício. Saiu quinze minutos depois, e percebi de imediato que algo não estava bem; quando entrou no carro, disse: «O avô morreu.»

Eu tinha estado com ele apenas quinze minutos antes de ter morrido. Tenho agora a certeza de que quando ele me disse, «Bem, Dave, tenho de voltar para dentro de casa», já algo estaria mal — acho que ele tinha uma hemorragia interna —, mas o meu avô não quis preocupar-me. Naquela noite, sentei-me com a minha avó e ela quis saber tudo sobre a minha visita. Mais tarde, juntei as peças e percebi que as sirenes não se deviam à bomba; tinham ido buscar o meu avô. Era muito chegado aos meus quatro avós, e ele foi o primeiro que perdi. Amava-o muito. A morte do meu avô Lynch foi avassaladora para mim.

Voltei a Boise em 1992 para descobrir o que tinha acontecido com uma miúda que eu conhecera e que se suicidara nos anos setenta. Contudo, essa história começou muito tempo antes. Quando deixei Boise para ir viver em Alexandria, depois do oitavo ano, a minha namorada era a Jane Johnson; durante o primeiro ano em Alexandria — o meu pior ano, o nono do liceu —, escrevia-lhe, mantivemos a nossa relação. Quando voltámos a Boise, no verão seguinte, em 1961, eu e a Jane terminámos o namoro nas duas primeiras semanas;

enquanto estive em Boise, comecei a sair com outra rapariga e, depois de voltar a Alexandria, era a ela que eu escrevia cartas. Trocámos correspondência durante anos, e naqueles tempos escreviam-se cartas longas.

No verão, depois de ter terminado o liceu, apanhei um autocarro da *Greyhound* para ir visitar a minha avó. O autocarro tinha um motor enorme, que fazia muito barulho, o motorista ia a uns cem ou cento e vinte quilómetros por hora naquela estrada de duas faixas, pelo que a memória que tenho dessa viagem é basicamente a vegetação a passar na janela. Mas lembro-me de que havia um tipo, no autocarro, que parecia um *cowboy* a sério. Usava um chapéu de *cowboy*, manchado de suor, e a sua cara estava totalmente marcada, como couro; tinha olhos azuis e gelados, durante toda a viagem limitou-se a olhar para a janela. Um *cowboy* dos antigos. Ao chegarmos a Boise, fui para a casa da minha avó, onde ela morava com a Senhora Foudray; elas eram velhas, mas gostavam de mim. Diziam que eu era bonito. Era maravilhoso estar ali.

A minha avó deixou-me usar o carro dela: fui até ao hotel, subi ao primeiro andar, que era estranho e escuro, onde havia uma banca de refrigerantes na qual trabalhava a miúda a quem eu escrevia cartas. Perguntei se queria ir ao *drive-in*, naquela noite, e, depois de ter jantado com a minha avó e a Senhora Foudray, eu e essa rapariga fomos ao *drive-in*. Naquele tempo, havia *drive-ins* em todo o lado. Foi fantástico. Durante o *drive-in*, começámos a curtir e ela contou-me coisas sobre si mesma, o que me fez perceber que era uma miúda atrevida. Teve namorados estranhos antes de mim, provavelmente porque os chamados tipos comuns, como eu, tinham medo dela. Lembro-me de a ouvir dizer: «A maioria das pessoas não sabe o que quer fazer na vida, e tu tens muita sorte porque já o sabes.» Acho que, naqueles dias, a vida dela já se encaminhava para um lugar sombrio.

Continuámos a escrever um ao outro — a verdade é que, quando casei com a Peggy, ainda me correspondia com ela e outras duas raparigas. Escrevi às três durante vários anos até que, por fim, um dia

a Peggy disse: «David, agora és casado; tens de parar de escrever a essas raparigas.» A Peggy não era ciumenta, mas sugeriu, como se eu fosse um miúdo: «Olha, escreves-lhes uma bela carta de despedida, e elas entenderão.» E assim parei de lhes escrever.

Muitos anos depois, em 1991, quando estava a filmar o *Twin Peaks: Os Últimos Sete Dias de Laura Palmer*, costumava ir para a minha rulote durante o almoço para meditar. Um dia, depois de ter terminado de meditar, abri a porta da rulote e alguém disse: «Está aqui um homem chamado Dick Hamm, diz que o conhece.» Respondi: «O Dick Hamm? Estás a gozar?» Tinha feito a escola primária com o Dick Hamm, não o via há décadas. Fui procurá-lo, e lá estava, com a sua mulher novaiorquina; foi ótimo revê-lo. Perguntei-lhe se por acaso se tinha cruzado com a rapariga com quem fui ao *drive-in*, e ele disse: «Não, ela morreu. Atirou-se ao rio, suicidou-se.» Comecei a questionar-me: Qual era a sua história? O que lhe acontecera? Por isso, regresssei a Boise depois de ter terminado o filme para procurar a sua história. Fui à biblioteca, li artigos sobre a rapariga e consultei relatórios da polícia sobre o dia em que morreu.

Essa rapariga tinha-se casado com um tipo mais velho, que o irmão e o pai dela odiavam, e tinha um caso com outro indivíduo, um cidadão proeminente em Boise. Numa sexta-feira à noite, esse homem terminou a relação extraconjugal, o que a deixou arrasada. Não conseguia esconder a sua tristeza, e talvez o marido suspeitasse de algo. Na manhã do domingo seguinte, um vizinho organizou um almoço, ao qual ela e o marido não chegaram juntos. Consta que o marido deixou o almoço e foi para casa, e pouco depois chegou ela, foi até ao quarto, pegou numa pistola de calibre 22, semelhante às que vemos nos *westerns*, em seguida foi para a lavandaria da casa, apontou para o peito, puxou o gatilho, cambaleou para fora de casa e morreu no relvado. Questionei-me: se se suicidou, porque se arrastou até ao relvado?

No que diz respeito à investigação da polícia, eles terão recebido informações do tipo com quem ela tinha um caso: «É um suicídio; esqueçam o assunto, porque de outra forma ainda sobra para mim;

não me fodam, rapazes. Varram tudo para debaixo do tapete.» Fui à esquadra da polícia e tentei enganá-los: «Estou à procura de uma história para um filme; há alguma mulher que tenha cometido suicídio durante este período?» Não funcionou, porque eles nunca iriam mencionar aquela história. Consegui autorização para obter uma fotografia da cena do crime/suicídio, preenchi os formulários, entreguei-os, e eles disseram: «Desculpe, mas os materiais desse ano foram destruídos.» Conhecia essa rapariga desde muito jovem, e não sei explicar por que motivo a sua vida foi naquela direção.

Mas sei que muito do que somos já está definido quando nascemos. Chamam-lhe a roda do nascimento e da morte; acredito que já aqui estivemos muitas, muitas vezes. Há uma lei da natureza que diz que colhemos o que semeamos, e nascemos com a certeza de que parte do passado nos visitará nesta vida. Imagine-se uma bola de baseball: acertamos-lhe, ela sai disparada e só volta quando atinge alguma coisa e começa a fazer a viagem de regresso. Há tanto espaço vazio que a bola desaparece durante muito tempo, mas depois começa a regressar, e vem na nossa direção, a direção da pessoa que deu início ao movimento da bola.

Considero, também, que o destino tem um papel decisivo nas nossas vidas porque não há explicação para certas coisas que acontecem. Porque recebi uma bolsa de cineasta independente e fui admitido no Centro de Estudos Avançados de Cinema do American Film Institute? Porque conhecemos determinadas pessoas e nos apaixonamos por elas, mas não chegamos a conhecer tantas outras? Nascemos repletos de muito do que somos, e embora os pais e os amigos possam influenciar-nos um pouco, no nosso âmago somos quem somos desde o princípio. Os meus filhos são todos muito diferentes, cada um com a sua individualidade, a sua personalidade. Conhecemos muito bem os nossos filhos, e eu amo os meus, mas não temos muita influência no caminho que vão percorrer vida afora. Algumas coisas estão definidas. Mas as experiências da infância podem moldar-nos, e os meus anos de infância, em Boise, foram extremamente importantes para mim.

Era uma noite de agosto de 1960. A nossa última noite em Boise. Havia um triângulo de relva que separava a entrada da nossa garagem da garagem dos Smith, e o meu pai, o meu irmão, eu e a minha irmã estávamos nesse triângulo, despedindo-nos dos miúdos da família Smith, o Mark, o Denny, o Randy e o Greg. De repente, o Senhor Smith aparece e vejo-o a conversar com o meu pai, depois apertam as mãos. Vi aquela imagem e comecei a sentir a gravidade da situação, a enorme importância dessa última noite. Em todos os anos em que morámos ao lado dos Smith, nunca tinha falado cara a cara com o Senhor Smith, e agora ali estava ele, caminhando na minha direção. Estendeu a mão; fiz o mesmo. Ele terá dito algo como: «Vamos sentir a tua falta, David», mas na verdade não ouvi o que disse, e comecei a chorar. Percebi quão importante a família Smith era para mim, quão importantes eram todos os meus amigos em Boise, e senti esse sentimento a crescer, incessante. Foi muito mais do que tristeza. Vi a escuridão do desconhecido que teria de enfrentar no dia seguinte. Olhei para o Senhor Smith, através das lágrimas, quando terminámos o aperto de mão. Não consegui falar. Foi, sem dúvida, o fim de uma maravilhosa época de ouro.







**ELSINORE**

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8864-39-0



9 789898 864390

Biografia

YOU ARE WELCOME TO [WWW.ELSINORE.PT](http://WWW.ELSINORE.PT)